



Centro Universitário de Brasília

Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD

SERIA O *DOODLE* UM GÊNERO TEXTUAL? UM ENSAIO À LUZ DA ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA E DA LÍNGUÍSTICA TEXTUAL

Renilce Maria Curcio da Silva¹

RESUMO

Este artigo investiga a marca interativa da *Google* como estratégia de comunicação. O objetivo é analisar texto e contexto e os elementos estruturais da versão modificada do logotipo da *Google* denominados *doodle*, considerando-o como gênero textual. Esta pesquisa ancora-se teoricamente na concepção linguística da Análise de Discurso Crítica (ADC), na abordagem de Fairclough (2001); e na de Hasan (2005) em que foram abordados os conceitos de Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero. Este trabalho também se utiliza da perspectiva do conceito de hipertextos e os suportes para construção da coerência no hipertexto, segundo Storrer (2003). Para reflexão teórica, foram analisados os elementos linguísticos e as estratégias jogáveis de gamificação utilizada pela *Google* dentro do contexto de fusão de signos verbais e não verbais. Para pesquisa, foram selecionados três *doodles* da *Google*. Observou-se, na elaboração dos *doodles*, que a *Google* utiliza de polidez e intertextualidade para que esse novo gênero seja bem recebido nos países em que circulam.

Palavras-chave: Análise do Discurso Crítica. Contexto. *Doodle*. Gênero. Linguística Textual.

¹ Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Revisão de Textos, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Solange de Carvalho Lustosa.

1 INTRODUÇÃO

O tema apresentado é uma pesquisa realizada para analisar os *doodles* da *Google*, usados especificamente para celebrar datas comemorativas, tendo como ancoragem de estudo os conceitos da Linguística textual e da Análise do Discurso Crítica.

O objetivo deste trabalho é analisar os elementos estruturais que transformaram os *doodles* em um novo gênero textual, bem como suas estratégias de configuração textual e de polidez usadas para homenagear datas e momentos importantes. Os *doodles* são, *a priori*, desenhos ou esboços realizados ao acaso, mas, no contexto em questão, eles se transformaram em desenhos divertidos em logotipos da marca *Google*. As questões de pesquisa deste trabalho são: Os *doodles* são um novo gênero textual? Como conceitos como hipertexto, intertextualidade, polidez e coerência são mobilizados pelos *doodles*?

Esta pesquisa analisa um *doodle* específico feito em comemoração ao aniversário do 44º do Hip Hop, mas utilizará de outros para traçar a estrutura potencial deste possível gênero textual. A escolha pelo *doodle* do hip hop se deu pelo fato de concentrar várias características como a intertextualidade, a gamificação e a polidez.

2 O GÊNERO TEXTUAL

Gêneros são todas as manifestações linguísticas, com funções definidas, seja escrita ou oral. Essas manifestações são socialmente reconhecidas e cada gênero traz em si escolhas prévias em relação à estrutura composicional com características comuns, como o conteúdo, o estilo, as escolhas linguísticas e o público-alvo, para que possam atingir intenções comunicativas que ocorrem em situações específicas.

Segundo Bazerman (2009, p. 38), a maioria dos gêneros têm características de fácil recolhimento que sinalizam a espécie de texto que são. E, frequentemente, essas características estão intimamente relacionadas com as funções principais ou atividades realizadas pelo gênero. Com relação aos textos publicados em jornal, o autor afirma:

As Manchetes de jornal em letras grandes e negrito que mencionam os acontecimentos mais relevantes são elaboradas para atrair sua atenção, mostrando as notícias mais interessantes sobre as quais

você vai querer ler mais a respeito. A data e o lugar onde se passam os acontecimentos permitem que você saiba de que lugar do mundo essa notícia vem (...). O papel barato é escolhido porque o conteúdo do jornal envelhece rapidamente e os jornais são jogados fora, dentro de poucos dias. Somos tentados a ver os gêneros apenas como uma coleção desses elementos característicos porque os gêneros são reconhecidos por suas características distintas que parecem nos dizer muito sobre sua função. Somos, então, tentados a analisar os gêneros selecionando essas características regulares, com base no nosso conhecimento de mundo. (BAZERMAN, 2009, p. 38)

Marcuschi (2008, p. 146-147) aborda os estudos dos gêneros textuais como algo antigo e descreve um histórico da primeira noção de gênero textual, ou discursivo, mais sistematizada, com Aristóteles, em que há três gêneros de discurso retórico: discurso deliberativo – com a função de aconselhar ou desaconselhar –, discurso judiciário – para acusação, defesa e reflexão sobre os fatos passados – e o discurso demonstrativo – utilizado para elogio ou censura, expresso em tempo presente.

Para Marcuschi (2008, p. 149), qualquer gênero de texto pode ser analisado na perspectiva da observação cultural.

Isso está tornando o estudo de gêneros textuais um empreendimento cada vez mais multidisciplinar. Assim, a análise de gêneros engloba uma análise do texto e do discurso e uma descrição da língua e visão da sociedade, e ainda tenta responder a questões de natureza sociocultural no uso da língua de maneira geral (...) E se adotarmos a posição de Carolyn Miller (1984), podemos dizer que os gêneros são uma “*forma de ação social*”. Eles são um “*artefato cultural*” importante como parte integrante da estrutura comunicativa de nossa sociedade. (MARCUSCHI, 2008, p. 149)

Cada gênero possui, segundo Motta-Roth e Heberle (2005) a partir das leituras dos conceitos de Hasan, uma estrutura potencial, a qual possui elementos obrigatórios (que caracterizam propriamente o gênero) e os optativos (que podem ou não ocorrer).

Como esse conceito é importante até mesmo para verificar quais seriam os elementos constituintes do *doodle*, será necessário, antes de mais nada, conhecer essa teoria um pouco melhor.

O conceito de Estrutura Potencial do Gênero de Ruqayia Hasan, escrito por Désirée Motta-Roth e Viviane M. Heberle (2005) argumenta que, ao integrar texto e contexto, é possível perceber quais elementos da estrutura textual são obrigatórios e quais são opcionais a partir da análise da configuração do contexto. Hasan faz uso da gramática sistêmica-funcional para teorizar sobre o conceito de gênero e, sob essa perspectiva, foram abordados, a partir das propostas de M. A. K. Halliday (1989 *apud* HASAN, 2005, p.12). Para Hasan, o contexto é o elemento importante na análise e compreensão de qualquer texto, sendo contexto situacional ou cultural compreendendo tudo aquilo que é relevante para interação, o qual se define por três variáveis: *campo* – a natureza da prática social; *relação* – a natureza da conexão entre os participantes da situação; *modo* – a natureza do modo de transmissão da mensagem, que são realizados por meio das metafunções da linguagem: ideacional, interpessoal e textual. Essas três metafunções formam a teoria para representar o contexto social como sendo o ambiente semiótico em que as pessoas vivenciam significados. De acordo com Hasan, essas três metafunções constituem a Estrutura Potencial do Gênero.

Deste modo, enquanto a configuração contextual (CC) determina uma classe de situações, o gênero se configura na linguagem que desempenha o papel apropriado àquela classe de acontecimentos sociais. A EPG se constitui, portanto, na expressão verbal de uma CC. Sendo assim, de acordo com Hasan, a CC pode prever a obrigatoriedade e a opcionalidade dos elementos estruturais de um texto, assim como, a sequência de interação.

2.1 O Gênero Doodle

Doodle é uma palavra inglesa para referir-se a um tipo de desenho ou esboço realizado ao acaso, quando uma pessoa está entretida ou ocupada. Em português, a palavra traduzida corresponde a "rabisco". São desenhos simples que podem ter significado concreto de representação ou simplesmente retrata formas abstratas. No entanto, em uma página própria na *web*, a *Google*, define essa atividade como: *doodles*, os quais são compostos por mudanças divertidas, surpreendentes e às vezes espontâneas que são feitas com o logotipo da *Google* para celebrar feriados, aniversários e a vida de artistas famosos, pioneiros e cientistas, ou seja, *doodle* aqui será os elaborados pela empresa *Google* e que geralmente possuem como característica principal fazer homenagens a pessoas ou datas comemorativas (dia das mães, dos pais, dos professores, natal etc.).

Inicialmente, deve-se considerar o estudo dos *Doodles* na perspectiva de gêneros textuais como forma de descrever a visão crítica sobre os textos produzidos pela mídia virtual. O estudo sobre gêneros tem o objetivo de identificar nos *doodles* o uso criativo, interativo, dinâmico, plástico e muitas vezes heterogêneo das características do gênero, considerando a análise dos textos que os indivíduos utilizam para interagir na sociedade, para que se possa descrever a Configuração Contextual (CC), *campo, relação, modo* e a Estrutura Potencial de Gênero (EPG). Na categoria *ideacional*, a metafunção refere-se ao conteúdo das experiências dos participantes e do conhecimento prévio dos eventos da linguagem semiótica, por exemplo, ao identificar o tema, o homenageado e o *doodle* apresentado. O significado *interpessoal* revela o caráter social, constituindo uma interação discursiva, estabelecendo relações de diálogo entre os usuários e os *doodles*. No *textual*, a tipologia, as cores representam a função comunicativa semiótica multimodal, para facilitar a construção da coerência que se torna um fenômeno de significado mais amplo no *doodle*, e sobre a multiplicidade do texto e o compartilhamento de conhecimento entre os usuários da *Google* e a presença da intertextualidade no hipertexto.

Os *doodles* da *Google* são fenômenos de significados representacionais e de função referencial, hipertextos que ultrapassam os limites das frases com aspectos concretos de manifestações sociais, que constituem interações comunicativas e culturais, encontrados apenas em ambiente virtual.

Uma de suas características é a presença de intertextualidade, a qual se divide em dois tipos. A intertextualidade explícita é um parâmetro básico desse gênero, visto que uma das finalidades é a de homenagear grandes personalidades, exercendo grande influência na criação de um novo texto e, nesse aspecto, nenhum homenageado teve seus feitos questionados.

Koch (2017) propõe uma distinção entre os conceitos de intertextualidade explícita e implícita. A autora define como explícita quando o próprio texto faz menção à fonte do intertexto, como acontece nas citações, referências, menções, resumos resenhas e traduções, na argumentação por recurso à autoridade, bem como em se tratando de situações de interação face a face, nas retomadas do texto do parceiro, para encadear sobre ele ou contraditá-lo.

Ao passo que a intertextualidade será implícita quando se introduz no texto intertexto alheio, sem qualquer menção da fonte, esperando que o leitor/ouvinte seja

capaz de reconhecer a presença do intertexto, embora, evidentemente, não haja nenhuma garantia de que isso venha a acontecer.

O desenvolvimento de novas configurações visuais da *Google*, conhecido como *doodles* teve início em agosto de 1998. Nesse contexto, um tipo especial de mudança no logotipo foi introduzido pela *Google*, trazendo conteúdos temáticos de eventos comemorativos.

Figura 1: O primeiro *doodle* criado, divulgado em 30 de agosto de 1998



Fonte: <https://www.google.com/doodles/?q=interactive>

No dicionário do *Hypertext/Hypermedia Handbook*, de Berk e Devlin (1991), encontra-se a seguinte explicação do verbete hipertexto:

Hipertexto: a tecnologia de leitura e escrita não-seqüenciais. O termo hipertexto refere-se a uma técnica, uma estrutura de dados e uma interface de usuário. [...]. Um hipertexto (ou hiperdocumento) é uma coleção de textos, imagens e sons – nós – ligados por atalhos eletrônicos para formar um sistema cuja existência depende do computador. O usuário/leitor caminha de um nó para outro, seguindo atalhos estabelecidos ou criando outros novos. (BERK; DEVLIN, 1991, p. 543)

Uma vez que não existe fronteiras do suporte midiático e nem uma sequência previsível de leitura, a tecnologia do hipertexto disponibiliza suportes especiais para a construção da coerência.

Entre tais suportes, podem-se mencionar os seguintes (STORRER, 2003):

1. suportes de orientação, que dão apoio ao usuário para a construção de um modelo mental da estrutura do documento hipertextual;
2. suportes de contextualização global, que revelam o valor funcional e temático, facilitando a construção da coerência global; e
3. suportes de contextualização local, que explicitam quais módulos-alvo são acessíveis, bem como a relação entre os módulos-alvo e o módulo em foco, auxiliando o usuário no planejamento do caminho de recepção a percorrer.

Desse modo, o usuário tem à sua disposição várias possibilidades contínuas, a partir dos *links* e dos entrelaçamentos textuais. Assim, para garantir ou simplificar a construção da coerência no hipertexto, é importante que o *designer* avalie quais os conhecimentos necessários para a compreensão dos outros tópicos, ou seja, aqueles módulos de que o usuário necessita para entender quais podem ser oferecidos automaticamente ao leitor por meio de atalhos (*links*).

Os *doodles* foram extraídos da página da *Google* e a disposição dessas informações enquadra-se perfeitamente nos fatores coerência, que decorre da multiplicidade, sendo os linguísticos, discursivos, cognitivos, culturais e interacionais.

Os *doodles*, num primeiro momento, trazem informações suficientes para que sejam compreendidos, em virtude de garantir os seguintes critérios de textualização:

1) *conhecimento de mundo*: nos *doodles* vão surgindo um conjunto de conhecimento (os *frames*) que estão sob um certo 'rótulo', o qual claramente reconhecemos porque ativa os *esquemas* arquivados na nossa memória. Assim, a sequência vai fazendo sentido sobre os *planos* de como agir e interagir nos jogos propostos pelos *designs*; nos *doodles*, os *scripts* das ilustrações são executados pelos usuários que reconhecem os homenageados, desempenhando um papel decisivo dentro da gamificação².

2) *conhecimento compartilhado*: como informação nova, temos a possibilidade de interação jogáveis. Como informação compartilhada, "dada" temos ilustrações referente às obras dos homenageados, que qualquer receptor é capaz de reconhecer.

3) *inferências*: são feitas dentro de um contexto para que os usuários se relacionem com a ideia principal e reconheçam o que está implícito nos *doodles*.

4) *fatores de contextualização*: são as datas comemorativas e elementos gráficos do logotipo da *Google* que situam e contribuem para a interpretação dos *doodles*, estabelecendo a coerência com o que está sendo apresentado.

5) *situacionalidade*: é recriada e construída a partir dos objetivos, propósitos, interesses, convicções e crenças. Ao construir os *doodles*, os responsáveis verificam apenas o que é adequado àquela situação específica, o grau de formalidade, a variedade dialetal, e principalmente, o tratamento a ser dado ao

² Entenda-se como gamificação: é o uso de técnicas de design de jogos que utilizam mecânicas de jogos.

tema, critérios que são sempre construídos com o objetivo de expor o lado positivo dos homenageados.

6) *informatividade*: é construída com interações e gamificações imprevisíveis, exigindo do usuário o grau máximo de informatividade na medida que as sequências de imagens são apresentadas.

7) *focalização*: o produtor vai fornecendo determinadas referências em diversos momentos da vida dos homenageados, deixando pistas para que o usuário recorra a conhecimentos partilhados para entender o texto.

8) *intertextualidade*: é estabelecida durante toda apresentação dos *doodles*, fazendo referências diretas às obras ou aspectos relevantes da vida dos homenageados.

9) *intencionabilidade e aceitabilidade*: são utilizadas na página inicial do buscador e, quando acessada, o usuário poderá clicar e ser redirecionado, abrindo possibilidade de várias leituras.

10) *consistência e relevância*: são as marcas deixadas pelos ilustradores, apenas aquelas que os usuários reconhecem como verdadeiras, independente do enfoque atribuído.

Marcuschi (2008, p. 174-175) define, dentre a variedade de gêneros presentes na internet, o que podemos aplicar ao *doodle* da *Google*. E, com base nas definições de Marcuschi (2008), podemos conceber a página da *Google* como suporte, uma vez que:

Entendemos aqui como suporte de um gênero um *locus* físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto [...]. Essa ideia comporta três aspectos: suporte é um lugar (físico ou virtual), suporte tem formato específico, suporte serve para fixar e mostrar o texto.

Deste modo, percebemos que os gêneros do discurso propiciam aos usuários formas diversas de se comunicar com o mesmo objetivo. Assim, os suportes além de sustentarem também auxiliam na delimitação e diferenciação e tornam-se cada vez mais dinâmicos no meio comunicacional.

As autoras Ormundo e Wetter (2013), assim como Fairclough (2003a, 2006), nos apresentam a mudança de gêneros textuais. Segundo as autoras,

Diferentes gêneros se desenvolvem mediante a combinação de gêneros já existentes. Mudanças de gêneros são pertinentes para reestruturação e reescalonamento da vida social [...] que está ligado à capacidade

transformadora da ação humana de intervir numa série de eventos, tanto quanto alterar o seu curso.

Os gêneros textuais vão surgindo de acordo com os avanços tecnológicos e a necessidade comunicacional, por isso, não é possível definir um estilo, estrutura ou quantidade exata de gêneros, uma vez que as mudanças ocorrem constantemente na *web*. Os *doodles* da *Google* se caracterizam por uma transmutabilidade advinda dos rabiscos da evolução da escrita. Os registros sempre fizeram parte da atividade humana, que sempre tentou se manifestar, seja por meio de desenhos ou pinturas, aprimorando cada vez mais os “rabiscos” e os desenhos que fazemos inconscientemente, passou por um estilo e composição semiótica multimodal para cumprir uma função comunicativa, dando início a um novo gênero, surgindo, assim, o “gênero sazonal”³, definido como “celebração”, portanto, um gênero que está relacionado à festividade. Assim, os *doodles* cumprem alguns critérios de um gênero, na forma estrutural, propósito comunicativo, meio de transmissão e contexto situacional.

Ulla Fix (1997 *apud* MARCUSCHI, 2008, p. 165) adota a sugestão de expressão “intertextualidade tipológica” para esse aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um assume a função de outro. O gênero *doodle* apropria-se da tipologia sobreposta a vários tipos textuais, de composições linguísticas e características menos rígidas e, assim, cumpre uma função social.

Nos cliques que compõem o *doodle*, podemos perceber a profusão de cores e formas que foram selecionados, aparentemente, podem ser considerados elementos aleatórios escolhidos pelos produtores dos cliques, mas que estão ali para compor o sentido de valores e intenções. Os criadores dos cliques procuraram retratar o que é mais significativo para eles, pois demonstram a preocupação com a composição do *ethos*, no intuito de abordar apenas a “face positiva” do artista ou homenageado, contrariando, às vezes, toda realidade vivida⁴. É possível notar, assim, que há um conjunto de estratégia consciente no uso da polidez, na elaboração dos *doodles*. Em outras palavras, a *Google* tem uma preocupação em apresentar apenas a “face positiva” de seus eleitos. Assim, os homenageados são tratados não como

³ Entenda-se como gênero sazonal aquele que aparece em uma data específica e seu aparecimento é pontual, por exemplo, natal, carnaval, etc. ou seja, dependem de datas específicas para surgirem (a autora).

⁴ Como exemplo, temos o *doodle* elaborado em comemoração ao aniversário do cantor Freddie Mercury. O clipe de animação em nada lembra a “face negativa”, o consumo de drogas e bebidas alcoólicas e a vida sexual diversificada, alternando relações entre homens e mulheres, do cantor.

peçoas, mas sim como heróis. Os ilustradores utilizam de estratégias “implícitas” para expor a “face positiva” do homenageado, moldada pelas intenções dos seus criadores, que selecionam, protegem e preservam a “face negativa”. E assim, trate-se, sobretudo, de ocultamento da verdade, da “face negativa”, construindo uma identidade positiva dos homenageados.

No gênero *doodle*, as três variáveis formam os seguintes aspectos do contexto situacional.

- Campo: a natureza da prática social em questão diz respeito a uma transação econômica com estratégia de *marketing* de produtos e serviços com bastante ênfase na utilização de base de dados dos usuários, para atingir, conquistar e captar novos clientes.

- Relação: os agentes envolvidos são uma equipe formada por dez ilustradores, quatro desenvolvedores e dois gerentes de projeto que, juntos, fazem os *doodles* de todo o mundo e nessa relação estão os usuários da *web* e os criadores do *doodles*. A distância entre o usuário e o *designer* é máximo, pela falta de relação direta, entre os participantes

- Modo: a linguagem tem papel constitutivo do gênero em questão, no *doodle*, a participação do processo entre o usuário da *web* e o *designer* do *doodle* é dialógico; o canal da mensagem é gráfico; e o meio utilizado são textos multimodais.

Com base da Configuração Contextual apresentada, é possível propor uma EPG para os *doodles*, retratada na figura que se segue:

Figura 2 – Estrutura Potencial do Gênero *Doodle*

1. Hipertexto (obrigatório).
2. Cores *doodles* (opcional).
3. Gamificação (opcional).
4. Acompanhamento nas redes sociais e monitoramento das palavras mais buscadas na *web* (obrigatório).
5. Antes de um *doodle* ser publicado, o arquivo passa por um time técnico para ser revisado e também por uma equipe de segurança para evitar *hacker* (obrigatório).
6. Nível de interatividade (obrigatório).
7. Nome do homenageado (obrigatório).
8. Homenagem a grandes personalidades (obrigatório).
9. Polidez e intertextualidade (obrigatório).

Bourdieu (1977 *apud* FAIRCLOUGH, 2016, p.2012) sugere uma visão da polidez e alega que a polidez é composta sempre por concessões políticas.

O domínio prático do que chamamos de polidez e, particularmente, a arte de ajustar cada uma das fórmulas disponíveis [...] às diferentes classes de receptores possíveis pressupõem o domínio implícito, logo o reconhecimento, de um conjunto de oposições que constituem a axiomática implícita de uma ordem política determinada.

Assim, é incontestável as convenções de domínio prático da polidez, utilizados nos *doodles* da *Google*.

O link www.google.com/doodles permite ver a coleção de *doodles* publicados de todos os países. Ao clicar, o usuário pode criar sua própria composição visual musical (www.google.com/logos/doodles).

3 ANÁLISE DO DISCURSO CRÍTICA

A proposta apresentada por Fairclough (2001), quanto à Análise de Discurso Crítica, é a teoria que ancora este trabalho. Essa perspectiva estuda a linguagem como prática social, considerando os elementos discursivos, ideológicos e semióticos. Sendo assim, o papel do contexto é primordial, pois o discurso é um modo particular de construir um assunto.

Para compreender esse universo discursivo, é necessário desvendar os termos essenciais dessa abordagem que são: texto, discurso, prática discursiva, prática social, ideologia e hegemonia, intertextualidade e interdiscursividade e transdisciplinaridade.

O texto é o desenvolvimento da análise linguística, sendo necessária a compreensão do enunciado, dos textos, da coerência e da intertextualidade entre eles. Um texto coerente é um texto que faça sentido para alguém.

A análise textual pode ser denominada “descrição”, qualquer aspecto textual é significativo em análise do discurso. Analisar textos sempre se examina simultaneamente questões de forma e questões de significado. A análise textual é organizada em uma escala ascendente em quatro categorias principais que são: vocabulário, em que se estudam as palavras individuais; gramática, em que se estuda as frases e orações; coesão, ligação das frases e orações, havendo sentido nessa junção e estrutura textual, que é a prioridade na organização do texto.

Fairclough (2001) considera o discurso como prática social no uso da linguagem, sendo um modo de representação e de ação, demonstrando uma relação dialética entre a prática e a estrutura social. Ele nos apresenta uma concepção de discurso que reúne a análise de discurso orientada linguisticamente e o pensamento social e político relevante para o discurso e a linguagem, sendo que o discurso (sentido geral) utiliza linguagem falada ou escrita.

O discurso é uma prática não apenas de representação de mundo, mas, sim, de significado do mundo. O discurso contribui para a construção das identidades sociais e a “posição do sujeito” e constrói relações sociais entre as pessoas. Deste modo, contribui na construção de identidades, relações sociais e os sistemas de conhecimentos e de crenças. E nesses aspectos constitutivos vinculam-se a três funções da linguagem: à função *identitária*, que diz respeito ao meio pela qual as identidades sociais são construídas no discurso; à função *relacional*, que se refere ao modo como as relações sociais entre os participantes do discurso são exercidas e permutadas e à função *ideacional* que é a maneira pela qual os textos exprimem o mundo e seus processos, identidades e relações, estendendo-se esse conceito às outras modalidades semióticas referentes a elementos não verbais (gestos, imagens, etc.).

A prática discursiva apresentada por Fairclough em 1992 envolve os processos de produção, de distribuição e de consumo textual, isto é, a prática discursiva é o meio que se usa em cada prática social. Os textos são produzidos em contextos sociais específicos e são consumidos em contextos sociais diversos que variam entre diferentes discursos de acordo com fatores sociais. Na prática discursiva, há três categorias principais contendo traços textuais formais, são elas: a força dos enunciados, os tipos de atos de fala e a coerência dos textos. Não são propriedades exclusivas dos textos, mas são de grande valia para sua interpretação.

A prática social é a realização da prática discursiva, nessa concepção o discurso passa a ser visto como uma ação social. Toda prática inclui os seguintes elementos: atividades, sujeitos e suas relações sociais, instrumentos, objetos, tempo e espaço, formas de conscientização, valores e discurso, relacionando-se a duas questões que são as questões ideológicas, referindo-se aos sentidos das palavras e as questões de hegemonia, em que se analisam as questões de poder.

A semiótica é a ciência que estuda os signos na vida social, tanto linguísticos (relacionados à semântica e à escrita) como semióticos (os signos

humanos e da natureza). Os indivíduos moldam a linguagem e a semiótica, as práticas sociais de acordo com os objetivos econômicos, organizacionais e políticos.

Kress (1996) refere-se a isso refletindo sobre as mudanças que ocorreram nas últimas décadas quanto aos meios de comunicação e afirma que as novas formas de se comunicar se caracterizam de forma multissemiótica centradas no elemento visual por meio da inclusão de cores e elementos visuais.

Na composição dos *doodles*, verifica-se a utilização de diferentes modos semióticos exercendo um papel importante no processo de leitura como texto, a distribuição das informações no *doodles*: cores, elementos gráficos, gamificação e efeitos sonoros. Na prática discursiva, os *doodles* são produzidos por um grupo de profissionais específicos que são responsáveis pela produção: coleta de dados, acompanhamento nas redes sociais, monitoramento das palavras mais buscadas. Esses modos se caracterizam e compõem estruturas de significados das práticas sociais, estabelecendo maior interação entre usuário e texto.

A ideologia é um conjunto de ideias ou pensamentos de uma pessoa ou de um grupo de indivíduos, podendo estar ligada a ações políticas, econômicas e sociais. Segundo Fairclough (2001), há três importantes asserções sobre ideologia: possui existência material nas práticas das intuições, abrindo caminho para averiguar as práticas discursivas como formas materiais de ideologia; interpela o sujeito, sendo um dos mais significativos efeitos ideológicos que constitui o sujeito e os aparelhos ideológicos são fundamentais e delimitadores da luta das classes sociais.

Fairclough apresenta um quadro tridimensional, no qual reúne as três tradições analíticas, indispensáveis para análise do discurso como: texto, prática discursiva e prática social conforme a seguir:

Figura 3 - Quadro tridimensional



Fonte: Fairclough (1992).

O quadro mostra-nos que as três dimensões: o texto, a interação (prática discursiva) e ação social (prática social) ocorrem concomitantemente em todo evento discursivo. As três dimensões do quadro acima são indispensáveis para a análise do discurso, pois, para analisar um discurso, é necessário analisar cada uma das dimensões.

No contexto da internet e por sua grande utilização por parte de milhões de usuários que se conectam e se relacionam, é importante interrogar como esses usuários transferem para essa nova tecnologia os diversos papéis identitários.

A identidade, na perspectiva de Castells (1999), constitui a origem de significado e experiência de um determinado povo, o princípio está na construção de uma nova cultura. A identidade, embora coletivamente concebida, é formada por um processo individual de cada cidadão, constituindo fontes de significados diferenciados. Todavia, as instituições dominantes também influenciam essa formação. Isso ocorre quando os sujeitos as incorporam, e o significado é construído em cima dessa incorporação. Às vezes a identidade pode ser confundida com os papéis, mas sempre serão as mais importantes fontes de significado. As identidades cumprem significados, enquanto papéis cumprem funções. Significado é a identificação simbólica que um indivíduo adquire por meio das ações sociais praticadas por ele. O significado é organizado por uma identidade primária. Partindo do ponto de vista dos sociólogos, toda e qualquer identidade é construída.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e revelações de cunho religioso. Porém, todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço. Avento aqui a hipótese de que, em linhas gerais, quem constrói a identidade coletiva, e para que essa identidade é construída, são em grande medida os determinantes do conteúdo simbólico dessa identidade, bem como de seu significado para aqueles que com ela se identificam ou dela se excluem. (CASTELLS, 1999, pp. 23-24).

O discurso constitui identidades sociais, porém não são identidades fixas, pois é preciso investigar a linguagem dentro do processo histórico. A mídia, a imprensa e eletrônica são formadoras de identidades e contribuíram para formação de uma sociedade. A modernidade tem afetado a identidade das pessoas (GIDDENS, 1991). Hall (1998) afirma que as *“velhas identidades, que por tanto tempo*

estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades” estão em declínio com a relação do novo e o velho”.

Deve-se, entretanto, reiterar a posição: afirmar que a mídia é o espaço da política, não quer dizer que a televisão determina as decisões tomadas pelas pessoas [...] ou manipular imagens seja, por si só, um fator decisivo para o sucesso. (CASTELLS, 1999)

Há uma rede social em que os diferentes tipos de identidades são construídos e integrados, que abordam questões gerais e abstratas, que se relacionam em um contexto social, especificamente na política de identidade.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Para esta pesquisa serão analisados os *doodles* que obtiveram repercussão significativa na mídia brasileira ou aqueles cujas temáticas de identidades estão relacionadas ao Brasil. Como exemplo, os *doodle* do 44º aniversário do hip hop.

A *Google*, além de celebrar eventos importantes, começou a desenvolver alterações complexas em seu logotipo para expandir informações políticas e socioculturais de todo o mundo, assim, o *campo* e ato da prática social se realizam na linguagem com os usuários da *web*, informando mais uma celebração. A partir de 2010, a *Google* exibiu outras estratégias visuais, as mudanças iniciaram com visual estático, evoluindo para interações cada vez mais complexas de gamificação, resultando em animados e jogáveis caracteres de sua marca, trazendo, assim, a *relação* e natureza da conexão entre os participantes, possibilitando ao usuário interagir, compartilhando experiências dentro das variáveis de um contexto da situação, com elementos de estratégias e como tendência de *marketing* digital, ajudando na divulgação da marca e se solidificando como um novo meio de transmissão da mensagem, desempenhado pela linguagem como *modo* para levar experiência lúdica aos seus usuários dentro de um contexto, em uma sequência de signos verbais e não verbais.

Na perspectiva de incentivar a interação com os usuários, a comemoração dos 44º aniversário do hip hop, a *Google* homenageou esse momento com um *doodle* gráfico de logotipo personalizado numa plataforma interativa incorporada ao papel constitutivo da linguagem.

Ao analisar a animação do clipe selecionado, percebem-se alguns itens significativos abordados nesse gênero. Antes de analisar o *doodle* relacionado ao hip hop, deve-se recuperar a história desse gênero musical, a fim de verificar o processo de referência e intertextualidade utilizada pela *Google*.

Na década de 70, surgiu um movimento cultural entre os jamaicanos, latino-americanos e os afro-americanos da cidade de Nova York, aos redores do sul do Bronx. O disc-jockey Afrika Bambaataa é considerado o criador, o pioneiro desse movimento social, conhecido mundialmente como hip hop. Outra expressão artística nasce junto com o hip hop, o grafite, a pinturas e manifestações realizadas em locais em que concentrava o movimento do rap e o Djs. Os disc jockeys criavam danças com batidas rítmicas. No Brasil a chegada do disco “Cultura de Rua” marca o movimento do hip hop, tendo como principais precursores do hip hop os *rappers* Thaíde e Dj Hum.

A seguir, serão apresentadas nove imagens referente ao clipe do hip hop do *doogle* da *Google*. A análise será realizada de acordo com as categorias analíticas da ADC e da Linguística textual.

Figura 4: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Fonte: [https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip hop](https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop)

No que se refere os recursos explícitos, vemos a palavra *Google*, “pichada”, o muro de tijolos aparente, os fatores de intertextualidade implícitos a palavra *Google* estão nas cores da bandeira africana, que são considerados os pioneiros desse movimento; as inferências são feitas à arte de rua e de toda manifestação artística em espaço público. As letras “O” remetem a dois discos de vinil, os *turntables* (misturador de sons ou mixagem) fazendo referência aos discos usados para repetições contínuas. É importante ressaltar, nessa imagem, os fatores de contextualização do grafite, o *campo* e outras expressões marcantes no movimento hip hop e as *relações*

muito utilizadas na forma de protestos e demarcação de território. Dessa forma, todas essas escolhas afirmam toda coerência e toda intencionalidade na composição de abertura do *doodle*.

Figura 5: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Fonte: <https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop>

Ao analisar essa imagem, temos, em primeiro plano, o disco de vinil, novamente, fazendo inferências a arte de rua, a seguir vão surgindo os *frames*⁵ como a mão de um homem negro que à esquerda entra como “dado”, ou seja, o que é do conhecimento do público, que os negros são os percussores do hip hop.

Figura 6: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop⁶



Tradução: Olá, e aí galera? Aqui é o Fab 5 Freddy, direto de Nova York.

Fonte: <https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop>

⁵ Frames são conjuntos de conhecimentos armazenados na memória sob um certo “rótulo”, sem que haja qualquer ordenação entre eles; ex: carnaval (confete, serpentina, desfile, escola de samba).

⁶ A Figura 4 DJ aparece Freddy que serve como um guia que introduz o leitor/ouvinte ao mundo do hip hop. O problema é que Freddy fala apenas inglês e a legenda também está no mesmo idioma. Esse *doodle* foi divulgado no Brasil e, como pode ser percebido, não teve a preocupação de disseminar o conteúdo elaborado para a grande massa de brasileiros.

Na Figura 6, temos, ao centro em primeiro plano da imagem, um homem negro, o qual possui como objeto de saliência apresentada, o chapéu, óculos, colete, formando um conjunto de informatividade, para o suporte imagético da identidade. Em segundo plano, a palavra hip hop em amarelo “pichado” em um muro, que reforça a relação do hip hop e o grafite, estabelecendo coerência na construção da identidade negra.

Figura 7: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop

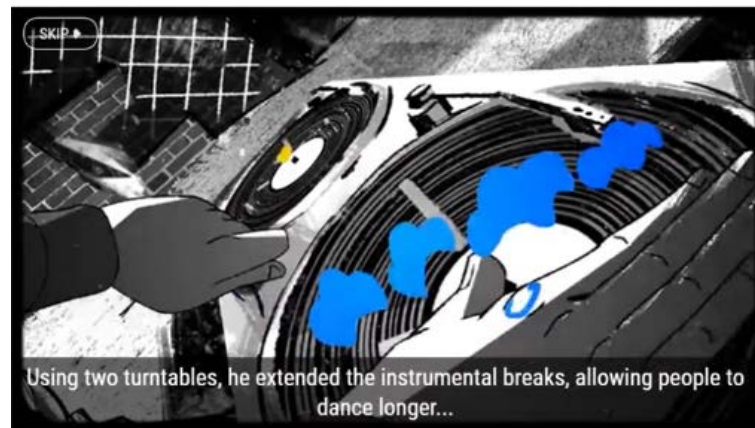


Tradução: No dia 11 de agosto de 1973, um DJ chamado Kool Herc organizou uma festa na escola no Boogie Down Bronx que mudou a música na qual conhecemos hoje.

Fonte: [https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip hop](https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop)

A Figura 7 mostra a palavra DJ em azul, que está em posição de destaque, ao redor partículas azuis, fazendo referência às ondas sonoras. No primeiro plano superior da imagem, sendo o núcleo e o objeto de saliência da informação dessa imagem, de maneira a representar a promessa de um novo estilo. Ao centro, MC de costas, enquanto os outros elementos estão em plano de fundo, dando suporte, pois toda ação está atrás das caixas de som. Nesta imagem, podemos perceber a diferença em comparação anterior, que predominam as cores escuras apresentando ausência de saturação, sendo o foco, a música.

Figura 8: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Tradução: Usando mesa de som, ele estendeu as paradas instrumentais de som da música, permitindo que as pessoas dançassem mais tempo.

Fonte: <https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop>

Na imagem anterior, temos duas mãos negras, à direita a mão do participante que apresenta um “novo” som. À esquerda a informação conhecida de ligar o som. No que diz respeito à escala de cores, observa-se o contraste da tonalidade acinzentada das paredes e calçadas de Nova York, que, ao contrário da neutralidade, o azul da imagem funciona como um dispositivo semiótico formal que, além de estabelecer informações precisas, veiculam ideias de significado representacional na composição das cores. Em posição destaque, as cores azul e amarelo da “batida” reforçam a hegemonia do hip hop.

Figura 8: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Tradução: ... um estilo de dança que veio a ser conhecido como break.

Fonte: <https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop>

A Figura 8 se refere à dança de rua. Em primeiro plano, em posição central, supostamente, um jovem negro num estilo dinâmico do *breakdancing*, os movimentos das pernas em forma de “V” remetem à ideia de vitórias nas “batalhas”, disputas em concursos. À direita como “dado novo” a batida do som, o único elemento que tem cor no mundo dos negros, segundo a apresentação desse *doodle* comemorativo.

Figura 10: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Tradução: Nos anos que se sucederam a primeira festa do DJ Kool Herc, a cultura hip hop tornou-se uma grande força da música.

Fonte: [https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip hop](https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop)

Nesta imagem real, dentro de uma televisão, recurso implícito que ressaltam que o hip hop rompeu as fronteiras dos guetos de Nova York para o mundo. À direta, temos o MC representado como informação nova da imagem, pois é algo novo na vida dos jovens negros. O público ocupa o centro, porém ofuscado pela caixa de som vermelha, como elemento “real”, confirmando que o hip hop ocupa o *modo*, a “voz” cumprindo um papel constitutivo na linguagem e na construção identitária.

Figura 11: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Tradução: ... dança ...

Fonte: [https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip hop](https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop)

As três categorias estão representadas nesta imagem, a do representado, na figura de um homem negro ao centro dançando, o que compõe o recurso empregado na imagem. A seguir temos a utilização de recursos visuais bastante significativos nas roupas. Na categoria das cores, temos a calça branca, que simbolicamente representa paz e o amor, fazendo um contraponto com o vermelho da camisa, que está ligado culturalmente e associado à energia ao sangue e a luta, sendo o hip hop a expressão da juventude negra pela valorização da identidade da ideologia. Por fim, em primeiro plano, a imagem de um homem negro, dentro de um televisor, a cabeça à esquerda e os cabelos crespos, como “plano dado”, o que é de conhecimento do usuário. A dança frenética do hip hop em jogo de pernas entre “dado” e o “novo”.

Figura 12: Doodle em comemoração ao 44º aniversário do hip hop



Fonte: [https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip hop](https://www.google.com/doodles/44th-anniversary-of-the-birth-of-hip-hop)

Por fim, a imagem de dois discos de vinil, à esquerda intertextualidade implícita aos discos anteriores ao hip hop, à direita que entra como algo “novo”, ao centro do disco, as misturas das cores, podendo adquirir novas matizes e novos significados.

O hip hop representa importante papel social na cultura do consumo de massa, reunindo o modo de organização como grupo, que se constrói numa rede discursiva entrelaçada por relações de força e poder, que revelam o mecanismo, construído pelas práticas sociais.

Ao analisar a animação dos clipes selecionados, percebe-se alguns itens significativos abordados nesse gênero.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar os *doodles* da *Google* em uma perspectiva sobre os conceitos de hipertextos, intertextualidade, polidez e coerência e a interação e a compreensão do público aos homenageados, na construção que promovem alterações frequentes no logotipo da marca. Ao longo desta pesquisa, foi mostrado o papel que esses elementos desempenham na construção do *doodle*, pois são textos que remetem a outros textos ou promovem a interação, ou seja, hipertextos; como sua característica principal é fazer homenagem a pessoas e datas comemorativas, os *doodles* usam a intertextualidade, a polidez e a coerência para garantir a receptividade positiva de seus leitores.

As análises foram utilizadas, também, na perspectiva discursiva crítica, a teoria da Semiótica Social e os conceitos de Configuração Contextual e Estrutura Potencial do Gênero. Esses elementos puderam mostrar que os *doodles* da *Google* constituem interações comunicativas e culturais, e com manifestações linguísticas, funções e suporte bem definido. Assim, os *doodles* cumprem sua função social de gênero textual e constituem, sim, um gênero textual.

ABSTRACT

WOULD THE DOODLE BE A TEXTUAL GENDER? AN ASSAY IN THE LIGHT OF ANALYSIS OF CRITICAL SPEECH AND TEXTUAL LANGUAGE

This article investigates Google's interactive brand as a communication strategy. The goal is to analyze text and context and the structural elements of the modified version of the Google logo called Doodle, considering it as textual gender. This research is anchored theoretically in the linguistic conception of Critical Discourse Analysis (CDA), in the approach of Fairclough (2001) and of Hasan (2005) in which the concepts of Contextual Configuration and Gender Potential Structure were discussed. This work is also used from the perspective of the concept of hypertexts and the support for the construction of hypertext coherence, according to Storrer (2003). For theoretical reflection, the linguistic elements and the strategies of gamification were analysed and used by Google within a context of fusion of verbal and nonverbal signs. For the research, we selected one Google Doodle. Google made use of politeness and intertextuality in the elaboration of the Doodles so that this new gender is well received in the countries where they circulate.

Keywords: Critical Discourse Analysis. Context. Doodle. Gender. Textual Linguistic.

REFERÊNCIAS

- BERK, E.; DEVLIN, J. (Eds.). **Hypertext/Hypermedia handbook**. New York: Intertext Publications, 1991, p. 543
- BEZERMAM, Charles. **Gêneros Textuais, Tipificação e interação**. São Paulo: Cortez, 2009, p. 38.
- CASTELLS, Manuel. **A construção da identidade**. CASTELLS, Manuel (Org). São Paulo: Paz e Terra S.A, 1999.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998, p 7.
- HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. Part A. In: HASAN, Ruqaya. **Language, context, and text: aspects of language in a socialsemiotic perspective**. Oxford: Oxford University Press, 1989.
- KOCH, I. G. V. **Hipertexto e a construção do sentido**. Alfa, São Paulo, v.51, n.1, p.23-38, 2007.
- KOCK, Ingedore Villaça. **Introdução à Linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Contexto, 2017.
- KOCH, I.G.V. A; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **A coerência textual**. São Paulo: Contexto, 2010. p. 71-100.
- KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, New York: Routledge, [1996], 2006.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção de texto, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOTTA-ROTH, D; HEBERLE, V.M O conceito de “estrutura potencial do gênero” de Ruqayia Hasan. In: J.L.MEURER; BONINI, A; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros-teorias, métodos e debates**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005. Cap. 1, p. 12-28.

ORMUNDO, Joana; WETTER, Walkyria. Prática de linguagem na globalização. In. ***Segundo momento***. São Paulo: Editora Patuá, 2013, p. 87.

STORRER, A. **Kohärenz in Hypertexten**. **Zeitschrift für germanistische Linguistik**, v.31, n.2, p. 274-292, 2003.